

# PALAVRA DO Leitor

## A influência do meio

ADILSON LUIZ GONÇALVES\*

**E**u costumo enfatizar aos meus alunos que engenheiros e arquitetos devem dominar três linguagens: a técnica, a leiga e a dos operários. Mas, tão importante quanto isso, nunca devem "trocar as bolas"! Pelo contrário, exorto-os a sempre contribuir para a melhoria do nível dos trabalhadores, já que, no Brasil, estes ainda são majoritariamente formados na lida e não em cursos profissionalizantes.

Para exemplificar o risco dessa inversão de linguagens, conto a piada do contrerrâneo de Camões que tentou hipnotizar um peixe, num aquário, mas acabou hipnotizado.

O que não é engraçado é que isso pode ocorrer com profissionais de qualquer área, sobretudo quando adentram a política.

Muitos esquecem suas formações técnicas e passam a pensar somente numa coisa: poder, para encarná-lo ou orbitá-lo. Alguns chegam a obrigar outros a fazerem o que é técnica e eticamente inadequado, e ainda assumirem a responsabilidade, se algo der errado.

Leigos os considerarão eficientes e capazes, por viverem a afirmar que tudo é muito simples e rápido. Mas, por quanto tempo esses discursos e prática "funcionarão"?

Bem, considerando a longevidade de alguns "assessores técnicos", isso pode funcionar por anos, apesar do curta duração das administrações públicas e "prazos políticos". A mobilidade também é grande nessa área, onde predomina a amizade, os acordos, a subserviência e o oportunismo. Além disso, quem faz de qualquer jeito normalmente não estará lá quando os problemas decorrentes de suas decisões começarem a aparecer. Isso será problema de outros, até porque a memória do eleitor brasileiro ainda é curta e míope.

Já vi casos de políticos que, ao reassumirem cargos eletivos, atribuíram a falhas perpetradas em suas gestões anteriores a seus antecessores! Também já ouvi responsáveis por opções errôneas, que já apresentavam problemas graves em curto prazo, quando deveriam funcionar por décadas, afirmarem, convictos, que elas já haviam "cumprido seu papel".

Essa forma de atuação profissional, que não transforma o meio, mas submete-se a ele, é a causa principal da maioria das besteiras técnicas, verdadeiras "bombas-relógio" que comprovam que o barato pode sair muito caro, ou que o muito caro nem sempre é a melhor solução. Isso só mudará quando os técnicos deixarem a condição de meros serviçais de políticos que confundem poder com inteligência, ou quando os políticos descerem de seus pedestais e entenderem que a boa assessoria não é aquela que apenas cumpre ordens, mas apresenta e pondera alternativas. Além disso, o bom político, para também ser um bom administrador, deve abdicar de sua vaidade para enxergar a coisa pública além de seu mandato.

Nesse sentido, eficiência nada tem a ver com obediência cega; e o contraditório só é visto como ameaça à autoridade por quem

ou é muito arrogante ou muito inseguro. Essas características, no entanto, infelizmente ainda são muito comuns na política. Somadas à limitação temporal dos mandatos e à expectativa de ascensão político-partidária, o que se vê é a multiplicação de iniciativas cosméticas e rápidas, em detrimento da busca de soluções para conter o crescimento urbano desordenado, melhorar a infraestrutura, enfim, para viabilizar o desenvolvimento sustentado. Quem não tem escrúpulos profissionais aceita bem essa condição, pois a maioria dos líderes políticos prefere a fidelidade canina à inteligência humana, talvez por esse meio estar repleto de aparências que enganam. Talvez por isso o tapete seja o "elemento decorativo" mais presente: para esconder sujeira ou ser puxado.

Quem adota esse modelo administrativo pode fazer muito em pouco tempo, mas quem vier depois terá muito a "limpar", sempre com o dinheiro dos contribuintes.

Influência do meio: assim como o profissional que desaprende o vocabulário técnico no canteiro de obras e nada contribui para o crescimento intelectual de seus subordinados, quem abandona seus escrúpulos e ética, e coloca seus serviços à disposição da má política, pode ser um "feitor eficiente", mas estará a anos-luz de ser um bom profissional.

\* **Adilson Luiz Gonçalves** é engenheiro, mestre em educação, escritor, compositor e professor universitário (Unisantos e Unisanta)

E-mail: [adilson@unisantos.br](mailto:adilson@unisantos.br)

## Tragédias urbanas em áreas de risco

ÁLVARO RODRIGUES DOS SANTOS\*

**N**as chuvas dos últimos verões coube especialmente ao Estado de Santa Catarina, com destaque para suas cidades do Vale do Itajaí, demonstrar tragicamente ao país os elementares erros de compatibilidade que em muitas situações vêm repetidamente se estabelecendo entre as expansões urbanas e as características geológicas e geotécnicas das áreas que estão sendo ocupadas. Bom lembrar que lições idênticas, com milhares de vítimas já computadas e enormes prejuízos patrimoniais e financeiros, são dadas anualmente e recorrentemente por Nova Friburgo, Ouro Preto, Petrópolis, Rio de Janeiro, Campos do Jordão, Belo Horizonte, Recife, Salvador, São Paulo e tantas outras cidades brasileiras que têm sua expansão urbana avançando sobre áreas de relevo mais acidentado e encostas geotecnicamente instáveis. O mesmo pesadelo geológico se repete nas situações em que várzeas, ambientes costeiros com ativa dinâmica marinha e terrenos mais suscetíveis à erosão são ocupados sem nenhum critério.

Enfim, um quadro onde o crescimento urbano insistente e irresponsavelmente é deixado à deriva de qualquer planejamento, especialmente aquele que lhe agregaria a ótica de uma gestão geológica e geotécnica do uso do solo.